

## A AVAREZA COMO TEMA DE SÁTIRA

Prof. Dr. Amós Coêlho da Silva (UERJ)

**RESUMO:** Aforismos em Juvenal. A questão da sua “indignatio” e as apropriações juvenalianas nas Sátiras de Horácio e em outros poetas. A construção na sátira menipeia do que é avareza: de Marco Terêncio Varrão a Oscar Wilde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juvenal; humor satírico; sátira menipeia; poesia satírica contemporânea.

### AVARICE AS A SUBJECT OF SATIRE

**ABSTRACT:** Aphorisms in Juvenal. The question of his “indignatio” and the Juvenalian appropriations in the Satires of Horácio and other poets. The construction in Menippean Satires of what avarice is: from Marco Terencio Varrão to Oscar Wilde.

**KEYWORDS:** Juvenal; satirical humor; menippean satire; contemporary satirical poetry.

### INTRODUÇÃO

Um dos atributos da sátira é ter o máximo de foco naquilo que se evidencia como moda, num conjunto de opiniões, num viver coletivo, já que o seu tema é o cotidiano; daí, seu risco de efemeridade (MOISÉS: Sátira). No caso de Juvenal, que nos deixou uma única obra, intitulada *Sátiras*, e tratou de assuntos coevos de sua sociedade na Antiga Roma, mas tornou-se eterno contemporâneo de múltiplas épocas, dada a natureza humana em se esquivar de censura utilizando o disfarce, a dissimulação, como defesa seus interesses num jogo de hipocrisia.

Os tradutores, Pierre de Labriolle e François Villeneuve, comentam que a *Sátira I*, (...) *serve de de prefácio à sua obra*<sup>1</sup> - aqui se registra a sua vocação satírica. *Si natura negat, facit indignatio uersum (I, 79), Se a natureza falha, a indignação faz o verso.*<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> *Satire I, qui sert de préface à son oeuvre (p.VIII)*

<sup>2</sup> Todas as traduções latinas são nossas.

Apud Rafael Cavalcanti do Carmo (2014), Suzanna BRAUND. *Juvenal and Persius*. Cambridge: Harvard University. (2004: 21) nos apresenta a composição juvenaliana do manuscrito: “em cinco livros no interior dos quais se distribuem dezesseis sátiras da seguinte forma: no Livro I, as sátiras 1, 2, 3, 4 e 5; no II, apenas a sátira 6; no III, as sátiras 7, 8 e 9; no IV, as sátiras 10, 11 e 12; e, no V, as sátiras 13, 14, 15 e 16 (incompleta).”

Como citação memorável e de aparência galante, o verso *rara avis in terris nigroque simílima cycno*: (VI, 165) *rara ave nas terras semelhante ao negro cisne!*, só será assim, se for lida como o provérbio italiano *Donna buona vale una corona* [mulher boa vale uma coroa] (TOSI: 671, 1396), porque, de fato, é de cunho misógino este verso juvenaliano; no entanto, fecha nesta *Sátira VI* a “*indignatio*” juvenaliana; entretanto a indignação do Poeta se atenuará a partir daí e novo sopro encontraremos, quiçá mais filosófico, nas sátiras seguintes.

Daí, teremos inúmeras expressões, que se eternizaram em compêndios que se organizam como coletâneas de brocardos, provérbios, ditados, máximas, lemas, divisas, etc. Porém, diga-se logo, não ficaram aí aguardando uma consulta escolar. Tais expressões saíram dessas coletâneas, se tornaram vivas e perfilaram em múltiplas fontes, quer literárias, filosóficas, históricas etc., inclusive vibraram na linguagem oral, como se diz em latim: *in sermones*, nas conversações cotidianas.

Isso, em todos os tempos, como ressaltaremos em alguns casos. Até mesmo quando a linguagem de seu aforismo registre certos comportamentos humanos que são impelidos pela sua “*indignatio*”, se tornam plausíveis, embora uma “amarga constação” (TOSI: 1077 e 1078): por exemplo, como não há quem desaprove, a aceitação de propina? Porém, há também aqueles momentos que a admitam, indubitavelmente: *Probitas laudatur et alget*, (I, 74), A honestidade é louvada, mas treme de frio.

Não há coisa mais repugnante do que pessoas, para as quais *Crescit amor nummi ipsa pecúnia crevit* (Juvenal, XIV, 139), Cresce o amor ao dinheiro quanto o próprio dinheiro. Fechemos este parágrafo com o comentário de Juvenal sobre o que os poderosos fazem com os pobres: *Nil habet infelix paupertas durius in se, quam quod ridiculos homines facit*. (III, 152-3). A coisa mais cruel sobre a infeliz pobreza em si mesma, do que o que ela faz: as pessoas se tornam ridículas.

Conforme os tradutores do texto de Juvenal in *Les Belles Lettres*, comentaram em síntese sobre a III Sátira: “Quem governa em Roma agora? Especuladores sem vergonha (21 - 40) e todos aqueles que vivem de mentiras e intrigas sujas (41 - 57); os

gregos bajuladores, com sua vil flexibilidade especialista em despojar qualquer um com escrúpulos (v. 58 - 125); a riqueza insolente diante da qual o servilismo se ajoelha e este servilismo poupa a pobreza de tantas humilhações íntimas e até públicas (v.126-189) ...<sup>3</sup>

Quem já não ficou indignado com o político que se aproveita do desamparo de pessoas pobres para conquistar-lhes os votos através de *Panem et circenses* (Juvenal, X, 81), Pão e circo, cuja tradução, conforme Tassilo Orpheu Spalding, Pequeno Dicionário de Literatura Latina, Pão e espetáculos circenses,<sup>4</sup> inspirando esta linha de pensamento, pois ultrapassa a carência do povo e atesta este povo como alienado.

Como se vê, há uma argumentação que apoia *As Sátiras* de Juvenal como leitura muito além da *diatribe*: *passatempo, divertimento ou simples conversação*, como registra o *Dicionário de Termos Literários* de Massaud Moisés, definindo um dos traços característicos da sátira: “Não obstante a comédia grega primitiva ostentar traços de sátira (denominados *diatribe*) ...”.

Na *Sátira X*, retomemos “Panem et circenses, pão e circo” (81), de Juvenal, que viveu entre séculos I e II a.C., como já comentamos alhures, são as únicas duas coisas que interessavam ao povo romano através de sua manipulação passiva perante o agente do poder público, ou então no mesmo sentido foucaultiano, ou seja, construindo um poder em cada indivíduo através da vontade pessoal ativa, cuja consciência não está alienada, de alguma forma, no ato histórico. Por isso, além da leitura que Paul Marie Veine, historiador francês, nascido em 1930, realizou *in: Como se escreve a História*, e onde se lê que, apesar de sua erudição, acreditou num elo entre governo e governantes, unidos por um objetivo único: de um lado “a necessidade de pão e de Circo”, além de “se sentirem amados pelos mestres”, quando recebiam “Circo e amor?”, bem como um jogo de populismo conquistador da simpatia e aprovação popular. (p.158)

Por que não reler Joham Huizinga (1980): *O exemplo mais claro da presença do elemento lúdico na sociedade romana é o grito por “panem et circenses”*. (198) Ou seja, como se fosse um arquétipo, o jogo, que vai além de atividade física ou biológica e alcança a criação de instituições sociais como Direito, Religião, Filosofia, Guerra, Poesia etc., no mesmo sentido grego do ‘*agón*’, que se relaciona com o verbo ‘*ago*’:

<sup>3</sup> *Qui domine à Rome, présentement? Les spéculateurs éhontés (21 – 40) e tous ceux qui vivent de mensonges et de sales intrigues (41 - 57); les Grecs flagorneurs, avec leur souples scélérate experte à évincer quiconque garde des scrupules (v. 58 - 125); la richesse insolente devant qui les servilités s’agenouillent et qui ménage à la pauvreté tant d’humiliations intimes, et même publiques (v.126 – 189)...*

<sup>4</sup> Não foi intenção de Tassilo O. Spalding, que conhece muito bem Roma. Mas há quem realize outra leitura na sua tradução, porém leitura errada a respeito de “*Panem et circenses*”, como aliás foi a intenção de Juvenal.

*levar adiante de si (uma referência ao gado ou aos prisioneiros na guerra – cf. Il. 5, 484: ‘ágein kai phérein’, pilhar, porém, passou ao significado de reunir-se em assembleia. Portanto, o elemento ‘agón’ designa o resultado de reunir, ‘ágein’, e daí assembleia dos deuses. Pierre Chantraine ratifica que o sentido mais frequente em Homero é o de assembleia para jogos e, por extensão, combate. Este termo, tão presente nas instituições sociais da vida dos gregos, equivale aos esforços de outras nações do mundo, quando suas reuniões se transformam em características lúdicas e dão surgimento a instituições sociais. Também as sociedades primitivas valorizam tais reuniões.*

Em Renzo Tosi (1026), esse “arquétipo”, relembra, em relação ao povo, “nos seus tempos (ainda) estava tão inane que só desejava *panem et circenses*.” O comentador citado registra ainda um sentimento “semelhante ao da plebe de Juvenal”, isto é, um “governo marcado pela demagogia barata e tendente a manter os súditos na ignorância e na falta de raciocínio”; por isso, se tornou proverbial.

## O TEMA DA AVAREZA

Quanto à avareza, são muitos os poetas que ridicularizaram a avareza, além de Horácio, na Sátira I:

- quid rides? mutato nomine de te  
fabula narratur: congestis undique saccis           70  
indormis inhians et tamquam parcere sacris  
cogeris aut pictis tamquam gaudere tabellis.  
nescis, quo valeat nummus, quem praebat usum?  
panis ematur, holus, vini sextarius, adde  
quis humana sibi doleat natura negatis.           75

- do que ris? Mudando o nome, esta fábula fala de tua história: (70)  
com sacos empilhados por todos os lados  
adormeces ansiando, e como se para poupar coisas sagradas,  
tu és forçado a se alegrar diante desta cena.  
Não sabes para que serve o dinheiro e que uso ele te oferece?  
Ele serve para comprar pão, saladas e um copo de vinho,  
por isso, negas acrescentares o que a natureza humana deplora. 75

Lembremos aqui de Molière (1622 – 1673), que nos legou *L’avare*, O avarento, que é uma apropriação da comédia *Aululária*, de Plauto (230 – 180 a.C.), que, por sua

vez, a retomou do grego Menandro (342 - 291 a.C.). Entre nós, recentemente, Ariano Suassuna (1927 – 2014), com *O Santo e a Porca*, onde os autores trazem à luz a angústia dos avarentos.

Na comédia grega de Menandro, o título é Δύσκολος, ‘*Dýskolos*’, cuja significação como adjetivo no dicionário é descontente, mal-humorado... Como se vê, trata-se de um personagem tipo, uma herança, como indica Junito Brandão (1984: p.104), “dos trinta Caracteres de Teofrásto” (372 – 287 a.C.): este discípulo de Aristóteles que “foi professor (...) de Demétrio de Falero” (HARVEY: Teófrastos [sic]), um governante grego que almejava a recuperação da classe média, e, por isso, incentivava o casamento entre pobres com ricos. Este período ficou classificado como Comédia Nova, as personagens do teatro não poderiam ser, como outrora ocorreu, provenientes de fonte histórica ou pessoas ainda vivas. Sua proveniência seria fictícia, de personagens tipos. Foi traduzido com o empréstimo grego “misantropo”, quer dizer, o que odeia o homem.<sup>5</sup> Junito Brandão ainda recomenda a não redução das personagens de Menandro a “tipos”, já que a observação do “poeta latino Públio Ovídio Nasão” demonstra o que uma comédia NÉA: *Fabula iucundi nulla est sine amore Menandri*. (Trist. II, 369) Nenhuma comédia do agradável Menandro existe sem amor.

Na Literatura Brasileira, Aluísio Azevedo (1857 -1913) descreveu em *João Romão* muita coisa que encontramos em pessoas próximas a nós, no dia a dia. Vale à pena citar um dos golpes sociais de João Romão, que herdou, por sorte, do ex-proprietário de uma venda de secos e molhados:

“Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lhe, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.” (Capítulo 1)

Tornou-se enfim amante de Bertoleza e se apossou de suas parcas rendas, cruelmente. Um outro golpe dele ficou descrito na agonia do velho Libório, no capítulo 18, onde foi mais cruel ainda:

---

<sup>5</sup> Molière também escreveu uma peça intitulada *Le Misanthrope*.

“João Romão apareceu, e ele, assim que o viu, redobrou de aflição e torceu-se todo sobre as garrafas, defendendo-as com corpo inteiro, a olhar aterrado e de esguelha para o seu interventor, como se dera cara a cara com um bandido. E, a cada passo que o vendeiro adiantava, o tremor e o sobressalto do velho recresciam, tirando-lhe da garganta grunhidos roucos de animal batido e assustado. Duas vezes tentou erguer-se, duas vezes rolou por terra moribundo. João Romão objurgou-lhe que qualquer demora ali seria morte certa; o incêndio avançava. Quis ajudá-lo a carregar o fardo. Libório, por única resposta, arregaçou os beiços mostrando as gengivas sem dentes e tentando morder a mão que o vendeiro estendia já sobre as garrafas.

Mas, lá de cima, a ponta de uma língua de fogo varou o teto e iluminou de vermelho a miserável pocilga. Libório tentou ainda um esforço supremo, e nada pôde, começando a tremer da cabeça aos pés, a tremer, a tremer, grudando-se cada vez mais à sua trouxa, e já estrebuchava, quando o vendeiro lha arrancou das garras com violência. Também era tempo, porque, depois de insinuar-se a língua, o fogo mostrou a boca e escancarou afinal a goela devoradora.”

Juvenal, como seu antecessor Horácio, se preocupa com o valor da educação e diz na *XIV Sátira: Maxima debetur puero reverentia*. (v. 45) *Deve-se o máximo respeito às crianças*.

Perguntamos, então: pode-se sentir essa vontade de respeito à criança em todos que governam?

Não é o que podemos observar nas ruas de muitas metrópoles, com moradores de rua, aqui e ali. Há um distanciamento de interação social com o povo muito grande em relação às autoridades constituídas no governo: Executivo, Legislativo e Judiciário. O Executivo não coopera muito para aliviar o sofrimento popular, pois sua gestão se torna impotente sem apoio do Legislativo e Judiciário, embora os canais oficiais de comunicação, incansavelmente, deem notícias de atividades em exercícios legais e judiciosos, basta, no entanto, um pouco de atenção ao fluxo cotidiano do sistema público de saúde no noticiário de jornais e mídia em geral para percebermos a impotente administração que os órgãos oficiais dispensam ao povo.

Ora, como a avareza é um pecado capital, ou seja, está previsto nos primórdios da natureza humana, como se constata desde outrora e, assim, se lê em Marco Terêncio Varrão (116– 27 a.C.), o criador da sátira *menipeia*<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> O termo sátira, como se sabe, provém de *satura lanx*, uma bandeja de primícias variadas e ofertadas à deusa Ceres, donde este gênero literário adotar esta mixórdia e exprimir uma coleta textual, em diálogos, fábula, preceitos morais, variação métrica etc. como linguagem emblematicamente em antíteses, que são oposições de ideias, mas com certa compatibilidade, como no provérbio *Sol e chuva casamento de viúva*. Podem, porém, ultrapassar à sua característica principal de censura e tornar-se uma admoestação ultrajante, numa forma paradoxal ou de oximoro, que é quando a linguagem repleta de ideias em oposição, exprimem uma incompatibilidade, como “mãe assassina”, “educação

Este tipo de sátira nos oferece a interpretação às avessas do comportamento da antiga Roma, já que confirma a avareza como coisa natural entre os romanos: os pais educam seus filhos a pensar que “virtude vem depois do dinheiro” *uirtus post nummos!*) e este poeta da sátira menipeia atesta isso (p.152) em Horácio em pelo menos duas passagens:

(*Ep.* II, I, 106 e seguintes): *minore dicere per quae*

*Crescere res posset,*

*Dizer a (cada) caçula por qual meio*

*Pode crescer o patrimônio.*

(*Ep.* I, I, 53 e seguintes): *O ciues, ciues, quaerenda pecunia primum est:*

*Virtus post nummos.*

*Cidadãos, cidadãos, é preciso adquirir a riqueza:*

*Virtude vem depois do dinheiro.*

O pesquisador Cèbe aponta com destaque ainda Plínio, o Antigo (23 ou 24 – 79 d.CD.), *NH*, VII, 139 e seguintes: *Pecuniam magnam bono modo inuenire, (É) de boa medida estabelecer uma grande fortuna.*

E outros historiadores gregos, como Plutarco (46 – 120 d.C.) e Políbio (202 – 120 d.C.), além de outros testemunhos colhidos em Plauto (p.152 e seguintes).

Na sociedade inglesa havia uma moda, que era uma forma de reunião no século XIX na qual alguém se inscrevia e dissertava sobre um tema. Oscar Wilde se inscreveu e apresentou:

O seu ensaio “A Alma do Homem sob o Socialismo”, onde argumenta as ações humanas com o seguinte viés:

“Não é, portanto, de estranhar que os homens, com umas intenções admiráveis, porém errôneas, se dediquem mui seriamente e com todo o sentimentalismo de que são capazes à tarefa de remediar os males que veem em redor de si. (...). Intentam, por exemplo, resolver o problema da pobreza mantendo vivos os pobres; ou, senão, conforme certa escola avançada, divertindo os pobres.

Mas assim não se resolve a dificuldade, pelo contrário, é ela agravada. A única finalidade justa deve ser a reconstrução de sociedade sobre alicerces tais que a pobreza se torne impossível. As virtudes filantrópicas impediram realmente a consecução desse fim. (...)

Tudo isso, como é natural, mudará com o socialismo.

---

grosseira”, “loucura sábia” etc. Há outros gêneros literários que exploram esta incompatibilidade, como a tragédia de Eurípides (480 - 406 a.C.), *Medeia* - personagem central é uma mãe assassina; a de William Shakespeare (1564 – 1616), *Rei Lear* – o rei Lear só descobre a natureza humana das três filhas quando enlouquece; um conto de Monteiro Lobato (1882 - 1948), intitulado *O fígado indiscreto...*

(...)

É sobre a pobreza, registramos então seu paradoxo “Quanto à mendicidade, é mais seguro pedir que colher; porém, é mais formoso colher/furtar que pedir.” (Entre as páginas 1164 e 1167)<sup>7</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: 2008.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro Grego: Tragédia e Comédia*. Petrópolis: 1984.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.

\_\_\_\_\_. CARMO, Rafael Cavalcanti do. *As manifestações do cômico nas “saturae” de Juvenal*. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. Tradução de J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CÈBE, Jean-Pierre. *VARRO, SATIRES MÈNIPPÉES*. Édition, traductio e commentaire. Roma: École Française de Rome, 1972.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque: Histoire de Mots*. Paris: Klincksieck, 1999.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionários de Símbolos*. Tradução de Vera Silva *et alii*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Tradução de Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: Grega e Latina*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

HORACE. *Satires*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1980.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o Jogo como Elemento da Cultura*. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo : Perspectiva, 1980.

---

<sup>7</sup> Colhemos, no dia 18 de dezembro de 2015, o texto original no “site”

<https://www.marxists.org/reference/archive/wilde-oscar/soul-man/>

A frase original é: “As for begging, it is safer to beg than to take, but it is finer to take than to beg.” E preferimos a tradução: “Quanto à mendicância, é mais seguro pedir do que roubar (tomar), mas é mais refinado roubar (tomar) do que pedir.

JAEGER, Werner. *Paidéia: a Formação do Homem Grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JUVENAL. *Satires*. Texte établi et traduit par Pierre de Labriolle et François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1950.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

MOMMSEN, Theodor. *Historia de Roma. Tomo II – De la Revolución al Império*. Traducción de A. García Moreno. Espanha: Aguilar, 1990.

PEREIRA, Maria Helena da R. *Estudos da História da Cultura Clássica: Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*. São Paulo: Cultix, 1968.

TOSI, Renzo. *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*. Tradução de I. C. Bendetti. São Paulo: Martins Fontes: 1996.

VEINE, Paul Marie. *Como se escreve a História*. Tradução de A. Baltar e M. A. Kneipp. Brasília: UnB, 1995.